

A AMIZADE ENTRE ESPINOSA E SIMON DE VRIES

FERNANDO BONADIA DE OLIVEIRA *

UMA ÍNTIMA AMIZADE

De todos os correspondentes de Espinosa (1632-1677), Simon Joosten de Vries (1633?-1667) foi certamente um dos mais próximos, amigo íntimo e familiar¹. Nas últimas décadas, vários documentos novos estão surgindo e fazendo emergir uma série de dados e registros mais precisos sobre a relação entre as famílias de Espinosa e Simon. Contudo, os únicos testemunhos concretos da amizade que os uniu provêm de três cartas que eles trocaram no ano de 1663, além de algumas menções nominais feitas por amigos comuns em outras cartas.

A correspondência entre Espinosa e Simon (cartas 8, 9 e 10) contém as principais dificuldades do epistolário espinosano. Apesar de curta em relação a outras correspondências clássicas dos seiscentos, como, por exemplo, a de Descartes e a de Locke, a correspondência do filósofo (*Epistolae*) requer cuidados metodológicos importantes. Há, no caso aqui examinado, cartas com duas versões diferentes que devem ser levadas em consideração; há também na apresentação das cartas nítidos hiatos textuais feitos provavelmente pelos editores, a fim de preservar identidades e suprimir informações pessoais e comprometedoras.

A Carta 8 possui duas versões latinas: uma da *Opera Posthuma* (OP), com aparos de

* Formado em Pedagogia e Filosofia pela UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Mestre em Educação pela mesma instituição e doutor em Filosofia pela UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

1 Entre os amigos próximos de Espinosa estão também, pelo menos, Pieter Balling (cf. Carta 17) e Johannes Bouwmeester (cf. Carta 37). Destacamos aqui a singularidade da proximidade pessoal entre Espinosa e Simon de Vries porque ao caso da amizade entre eles se acrescenta, conforme mostraremos, uma intimidade familiar.

estilo e omissão de dados pessoais, e outra assinada. No texto, os membros do *collegium*² de Amsterdã, empenhados naquela ocasião em estudar a primeira versão da *Ética*, comunicam ao filósofo, por intermédio de Simon, suas questões e dúvidas. Há também duas versões em latim da carta-resposta (Carta 9): a da OP não tem um parágrafo inicial e trata o remetente no singular (*tu*, dirigindo-se apenas a Simon); a outra (assinada) registra o parágrafo inicial e se dirige ao destinatário no plural (*vós*, em referência a todos do *collegium*). A Carta 10, por sua vez, contém uma versão latina (OP) e outra holandesa em *Nagelate Schriften* (NS); esta última contém uma frase inicial que falta à primeira. Escrita por Espinosa, tal missiva responde a outra (enviada por Simon) e que está até hoje desaparecida³. Mais curta que as demais, a Carta 10 foi provavelmente alterada, pois não há nenhuma referência pessoal, afóra a simples dedicatória.

Este artigo pretende analisar a correspondência entre Espinosa e Simon, tendo em vista esclarecer os aspectos biográficos que nela emergem e que permitem aprofundar o conhecimento das relações entre Espinosa e seu círculo próximo. Importa-nos adentrar não os detalhes do debate intenso sobre a verdadeira definição que ali ocorre, mas perceber como

2 Emprega-se *collegium* (como no original) de preferência a *colégio* (tradução mais literal) para evitar que se considere o *collegium* como *colégio* em sentido contemporâneo, muito marcado pela noção de escolaridade/escolarização.

3 Repetidas vezes o leitor da correspondência de Espinosa se depara com esta inquietante situação de encontrar menções a cartas que até hoje não apareceram e poderiam, em contrapartida, iluminar uma série de questões importantes. Sabe-se que Espinosa, antes de morrer, queimou vários papéis, entre os quais provavelmente deviam estar algumas cartas. Cópias de alguns desses itens talvez ainda existam e como durante o século XX outras cartas de Espinosa foram aparecendo, não se deve excluir a possibilidade de que um dia surjam coisas novas (CHAUI, 2000, p. 46).

estava se dando o contato de Espinosa com o *collegium* e com seu discípulo Caseário no momento exato em que as primeiras definições da *Ética I* estavam sendo elaboradas. A correspondência com Simon abre caminho para que capturemos a forma do pensamento do filósofo no tempo da edificação dos primeiros pilares de seu *opus magnum*: o começo do ano de 1663, mais precisamente de 24 de fevereiro (data da primeira carta) até meados do mês de março (data provável da última). Para tanto, convém antes conhecer o perfil dos dois parceiros por volta deste período⁴.

ESPINOSA E SIMON NO ANO DE 1663⁵

Os estudiosos conhecem pouco o percurso de vida de Espinosa até o início do ano da correspondência com Simon: a educação hebraica na infância, a convivência com mundo do comércio ao qual seu pai pertencia, a formação humanista aprofundada depois do distanciamento da comunidade judaico-portuguesa de Amsterdã, a mudança desta cidade para Rijnsburg e, finalmente, o prosseguimento da redação das primeiras obras, entre elas, o *Tratado da emenda do intelecto* e a *Ética*.

A carta enviada por Espinosa a Oldenburg em meados de julho de 1663 (Carta 13) noticia que em abril desse mesmo ano – portanto dois meses depois de ter concluído seu intercâmbio epistolar com Simon – o filósofo havia terminado sua mudança de Rijnsburg para Voorburg. Quando seus últimos móveis chegaram a sua nova habitação, ele seguiu para Amsterdã, onde “alguns amigos” lhe pediram para fazer uma cópia de “certo tratado” que ele havia ditado a um jovem, contendo “em resumo, a segunda parte dos *Princípios* de Descartes, demonstrada segundo o método geométrico, e os principais temas tratados na metafísica” (GIV, p. 63). Os

4 Seguimos, portanto, a mesma orientação de Atilano Domínguez em seu estudo sobre a correspondência Espinosa-Oldenburg (DOMÍNGUEZ, 2000).

5 Todas as citações de Espinosa estão referenciadas conforme a numeração de volume e página da edição Carl Gebhardt, *Spinoza Opera*. Para nossa análise, foram consultados os originais da *Correspondência* e da *Ética* (OP e NS), bem como a versão latina e holandesa do *Breve Tratado*. As traduções utilizadas do texto latino/holandês de Espinosa estão descritas, algumas com leves alterações, nas referências bibliográficas.

Princípios da Filosofia Cartesiana, finalizados segundo o próprio autor em menos de quinze dias, viriam a ser acrescidos de um prefácio (escrito pelo amigo Meyer) e de um apêndice, os *Pensamentos metafísicos*.

Podemos concluir que Espinosa, ao escrever as cartas 9 e 10, é então um jovem pensador, autor de algumas obras ainda não publicadas ou no prelo. Neste período, talvez mais do que em outros, Espinosa é frequentemente visitado por jovens universitários dispostos a conhecer a nova ciência que ia sendo comunicada conforme se divulgava pela Europa as obras de Descartes e Galileu (BUYSE, 2013, p. 45-46).

Simon, por sua vez, é um rico comerciante de Amsterdã. Ele participou não só da história do pensamento de Espinosa, mas também da vida íntima do filósofo. Eles foram vizinhos, segundo Colerus (1995, p. 144). Quando irrompeu a peste que chegou a matar mais de 24.000 pessoas na cidade, o filósofo ficou hospedado em uma casa da família de Simon em Schiedam⁶.

A circunstância biográfica em que ele e Espinosa aparecem de forma ainda mais amistosa é habitualmente lembrada pelos intérpretes quando se trata de atestar o elevado desinteresse e o enorme desprendimento por bens materiais, típicos de uma ética espinosana. Conta Colerus – e Lucas apenas menciona o caso sem citar nomes – que Simon desejou dar ao amigo uma soma de 2.000 florins por mês, para que ele pudesse levar uma vida

6 Ver nota n. 131 da tradução castelhana da Carta 19 (de Espinosa a Blijenbergh), na qual o tradutor Atilano Domínguez alude ao número de mortos em Amsterdã em função da peste durante o ano de 1664. Ainda sobre o contexto da peste, ver também Meinsma (1983, p. 284-285). As cartas 19, 21 e 23 (enviadas a Blijenbergh) confirmam a indicação de Meinsma, segundo a qual Espinosa se hospedou na casa dos De Vries em Schiedam durante o inverno de 1664-1665. Espinosa afirma ter recebido uma carta no dia 26 de dezembro de 1664 “estando em Schiedam” e desejar permanecer naquele local (Lange Bogart) por três ou quatro semanas, antes de voltar a Voorburg (Carta 19). Ao fim de outra carta, o filósofo marca: “Schiedam, 28 de janeiro de 1665” (Carta 21). Finalmente, em missiva escrita de Voorburg em 13 de março de 1665, Espinosa afirma que uma das cartas de Blijenbergh, de 19 de fevereiro, foi-lhe repassada a partir de Schiedam (Carta 23).

tranquila e mais dedicada à filosofia; a oferta foi terminantemente negada por Espinosa. Tempos depois, o mesmo Simon protagonizou outra demonstração de amizade: por não ser casado nem ter filhos, quis fazer de Espinosa o herdeiro de suas posses⁷. Essa nova oferta foi também negada. Espinosa recomendou fazer herdeiro o irmão de Simon, como determinava a lei. Reconhecendo os argumentos, o comerciante garantiu seguir a legalidade desde que ele aceitasse do herdeiro legal uma pensão de 500 florins. Espinosa, em nova prova de desapego, recusou a proposta, e não aceitou mais de 300 florins (COLERUS, 1995, p. 144).

Três propostas, três negativas, um conselho seguro, uma condição e um aceite. Para além de suas vidas, mesmo depois mortos, a amizade indiretamente permaneceu. Colerus (1995, p. 138) afirma que o irmão de Simon enviou por carta, pela mediação do livreiro de Amsterdã Jan Rieuwertsz, o dinheiro para as despesas com o enterro e com o pagamento das contas deixadas de Espinosa, tendo em vista “mostrar seu bom coração e demonstrar que o falecido havia sido um bom amigo seu”.

Apesar de ser uma bela fotografia do caráter de Espinosa, o caso carece parcialmente de comprovação historiográfica. Salomon Vaz Diaz, por meio de uma atenta pesquisa documental, veio a colocar em cheque a existência de um irmão de Simon habitante de Schiedam. A suspeita de que tal figura não tenha existido é pertinente e envolve, para seu desvelamento, uma complexa e truncada teia de uniões conjugais na família de Simon. O fato é que os avós de Simon, Frans Jacobs de Vries e Trijntje Joosten, tiveram quatro filhos: Fijtje Frans, Trijntje Frans, Jacob Frans e Joost Frans, este último o pai do amigo de Espinosa. Jacob Frans (tio paterno de Simon) casou-se com Annetie de Wolff e com ela teve

seis filhos. Joost Frans (o pai) casou-se com Maritje de Wolff, irmã de Annetie, que, além de Simon (o caçula que morreu solteiro), teve outros três filhos: Trijntje Joosten (casada com Alewijn Gijzen), Isaak Joosten (casado com Annetje Purmerent) e Frans Joosten (casado com Sytien Jacobs Vien). Os seis primos de Simon, nascidos do casal Jacob Frans e Annetie de Wolff são Katharina, Clementine, Joost, Frans, Isaack e Lijsbeth, todos com sobrenome Jacobs de Vries.

Segundo os registros holandeses pesquisados (DIAZ, 1989, p. 9), há sérias dúvidas de que existisse um irmão de Simon vivendo em Schiedam no tempo de sua morte. A irmã Trijntje Joosten, esposa de Alewijn Gijzen, chegou a se mudar para Schiedam; Frans Joosten jamais residiu lá, foi mercador em Amsterdã e uma das vítimas da peste, vindo a falecer quase ao mesmo tempo em que sua esposa Sytien, em maio de 1664. Também nunca habitou Schiedam o outro irmão, Isaac Joosten, falecido antes de 1660.

A questão que fica é: poderia o De Vries de Schiedam – citado por Colerus que tão seguramente nos conta ser a pessoa que pagou os débitos pendentes de Espinosa com seu hospedeiro por intermédio do editor Jan Rieuwertsz – ter sido outro parente, talvez um primo de Simon? Simon teve três primos [homens]: Joost Jacobs, Frans Jacobs e Isaack Jacobs (...). O primeiro, Joost, morreu em 1663 na casa da mãe de Simon; o segundo, Frans, parece ter sido, de acordo com vários instrumentos notoriais, sócio de seu primo e cunhado Frans Joosten; ele, por conseguinte, também viveu em Amsterdã e estava certamente vivendo lá quando declarou a sucessão colateral dos bens de Simon. Nós não sabemos nada sobre o terceiro, Isaack Jacobs de Vries, e ele deve ter vivido em Schiedam (DIAZ, 1989, p. 10).

A história do pagamento ao hospedeiro Van der Spick, embora careça de comprovação documental definitiva, não pode ser, contudo, ignorada. Imagina-se que Colerus era familiar às conexões entre os De Vries de Amsterdã com Schiedam.

Seja como for, Simon e Espinosa foram amigos de longa data. Sendo assim, não é de estranhar que Simon pudesse escrever ao filósofo de modo a revelar tão funda intimidade.

7 O “Registro de Sucessão Colateral” de Amsterdã, feito quando um cidadão falece sem deixar descendente ou cônjuge, assegura que as posses de Simon então envolviam: I) a terça parte de uma casa chamada De Vries em Koningsgracht (Singel); II) a décima segunda parte de uma casa em Nieuwe Zijds Voorburgwal; III) a sexta parte de três pedaços de um pasto de 1 ½ “morgen”, ao sul do polder Hogeбан; IV) a sexta parte de três casas chamadas *De Vries* em Lange Bogart; e V) três pedaços de pasto pertencentes a tais casas no campo de Out Matenes (DIAZ, 1989, p. 6-7). Eis, provavelmente, a herança que Espinosa recusou.

Sabemos, ademais, por carta de Espinosa a Meyer – datada de 6 de agosto de 1663 (Carta 15) – que o prefácio dos *Princípios da Filosofia Cartesiana* foi trocado entre eles por intermédio de Simon⁸. Esta não foi a única contribuição do comerciante de Amsterdã para o lançamento da obra: além de tudo, ele contribuiu financeiramente para sua publicação.

O tratamento mutuamente cortês que dispensaram nas saudações mostra, além de familiaridade, extremo respeito. A única carta de Simon (Carta 8) saúda o filósofo como “ilustríssimo senhor” (*clarissimo viro*) e “integérrimo amigo” (*amice integerrime*)⁹; as duas respostas de Espinosa (cartas 9 e 10) empregam “doutíssimo jovem” (*doctissimo juveni*) e “estimado amigo” (*amice colende*).

Ambos não só se encontravam pessoalmente com alguma frequência (como comprova a já citada carta a Meyer), como também desejavam permanentemente se reencontrar¹⁰. Escreve Simon no princípio da primeira carta que será aqui analisada:

Faz tempo que desejo te visitar pessoalmente, mas o tempo e o longo inverno não me permitiram. Às vezes me queixo de minha sorte que interpõe entre nós um espaço que nos mantém separados. (...) Contudo, ainda que nossos corpos estejam tão separados, você tem estado muitíssimas vezes presente em meu espírito, especialmente quando me dedico aos seus escritos e os toco com minhas mãos (GIV, p. 38-39).

A essa demonstração de carinho, Espinosa responde com um gentil agradecimento (*maximas gratias*) e, depois, com uma generosa mensagem que não fica aquém em intimidade:

8 Simon é citado por Espinosa também no rodapé dessa carta: “O amigo De Vries havia prometido te levar pessoalmente essa carta, mas como você não sabe quando voltará a visitá-lo, eu a envio por outro...” (Carta 15; GIV, p. 73). Como se lê em certa passagem da carta de Simon a Espinosa, em outra ocasião ambos estiveram em Haia, conversando sobre metafísica (Carta 8; GIV, p. 40).

9 Na despedida de sua carta, Simon de Vries ainda escreve: “*tibi addictissimus*”.

10 Realmente, o encontro entre os dois não era tão fácil. Os escritos de Espinosa contendo a primeira versão da primeira parte da *Ética*, assunto das cartas 8 e 9, não puderam ser entregues pessoalmente por Simon, que foi obrigado a usar a mediação de Balling (Carta 8, GIV, p. 41).

Sua longa ausência não tem sido para mim menos incômoda do que para você; porém, ao menos, agrada-me [saber] que minhas modestas elucubrações resultem úteis a você e aos nossos amigos [membros do *collegium*]. Pois assim, ainda que estejam ausentes, falo com vocês a partir de minha ausência (GIV, p. 42).

Simon alude à separação dos corpos, ou seja, aos infortúnios da distância que Espinosa abriu entre eles ao sair de Amsterdã. O afastamento encontra afago no toque da mão do amigo sobre a obra do filósofo ainda em construção. Já Espinosa, mantendo-se também no campo semântico da presença-ausência, dispara a imagem de um “falar a partir da ausência” que “ao menos” conforta e consola um distanciamento necessário. A demonstração de amizade fecunda entre estes dois jovens que rondavam os vinte e oito anos de idade se traduz filosoficamente nas cartas trocadas, sobretudo no que tange às notícias do *collegium* e às opiniões quanto ao jovem Caseário.

COLLEGIUM E CASEÁRIO

Costuma-se dizer que houve vários círculos de amigos de Espinosa: o primeiro de Amsterdã e Rijnsburg, o segundo de Voorburg e Haia e o terceiro, formado depois da morte do filósofo. Simon é recorrentemente colocado como parte do primeiro grupo, como amigo íntimo, junto com Koerbagh, Boreel e Balling (CHAUI, 2000, p. 49), ou mesmo com Jelles, Hudde, Bouwmeester, Rieuwertsz e Meyer (GEBHARDT, 1940, p. 63-64). Agrupamento heterogêneo, constituído por místicos, filhos de comerciantes, hobbesianos, racionalistas cartesianos, médicos e advogados, cada um procurava no pensamento de Espinosa uma fonte para viver suas próprias opções políticas, filosóficas e religiosas (CHAUI, 1999, p. 14n, nota n. 71).

É precisamente nesse contexto que se formou, por iniciativa do próprio Simon ou de algum outro amigo (GEBHARDT, 1940, p. 62), o *collegium*, coletivo que se reunia para estudar os escritos de Espinosa que àquela altura coincidiam com a primeira versão da *Ética*. Situado em Amsterdã, quando Espinosa já havia se mudado para Rijnsburg (ou mesmo antes disso), o grupo comunicava ao filósofo quais eram os procedimentos de estudo:

No que diz respeito ao *collegium*, ele está organizado da seguinte forma: um de nós (por turno) lê uma passagem, a explica segundo seu critério e, além disso, demonstra todas as proposições conforme a ordem que você deu. E se acontece que a resposta que um dá não satisfaça a outro, pensamos que vale tomar nota disso e escrever-lhe, para que nos esclareça, se é possível, a fim de que, com sua ajuda, possamos defender a verdade contra os supersticiosamente religiosos e cristãos, e manter-nos firmes frente aos ataques de todo mundo (Carta 8; GIV, p. 39).

As primeiras linhas citadas são puramente descritivas e explicitam o modo de proceder dos amigos do *collegium*. Em relação a esse método de estudo, Espinosa expressa pleno acordo em sua resposta. Todavia, o que merece maior destaque é a finalidade para a qual o grupo havia sido formado: defender a verdade contra (e resistir aos ataques dos) supersticiosos.

Conforme defendemos em outro trabalho (OLIVEIRA, 2008a), o *collegium* cumpria uma agenda educativa bastante singular. Evidentemente, não se tratava de uma educação tomada em sentido formal, mesmo dentro daquilo que era entendido como sendo formal na Holanda do século XVII, isto é, a instrução universitária nos moldes do ensino que Leiden então promovia¹¹. Espinosa, como se sabe, era contra a universidade daquele tempo, instituída sob a tutela da religião ou sob o comando do Estado. O filósofo criticou, no último parágrafo do capítulo 8 do *Tratado Político*, as instituições formadas à custa do império (OLIVEIRA, 2010). Ele recusou, como mostra a carta de resposta a Fabritius (Carta 48), o convite para se tornar professor de filosofia em Heidelberg, justamente por não poder desfrutar de liberdade frente à religião publicamente estabelecida (OLIVEIRA, 2008b). Apesar de tudo, Espinosa não se negava a toda e qualquer ação educativa: esta atividade entre os membros do *collegium*, bem como a atuação enquanto professor particular de Caseário (a quem muito provavelmente ensinou

os *Princípios* de Descartes geometricamente demonstrados)¹², são, enfim, evidências de uma prática pedagógica não concretizada em regime estatal.

Este mesmo Caseário é mencionado na carta de Simon de Vries a Espinosa. Ao lamentar a distância que os separava, o comerciante escreveu: “Feliz, realmente feliz, é Caseário, teu companheiro, que vive sob o mesmo teto e que nos passeios e às refeições pode conversar contigo sobre as coisas mais importantes” (Carta 8; GIV, p. 39). A resposta de Espinosa, um claro depoimento sobre o aluno, foi:

Não debes invejar Caseário: ninguém me é mais odioso do que ele e não há pessoa de quem desconfie mais do que dele. Por isso quero que saibas, bem como nossos amigos, que nenhuma das minhas opiniões deve ser-lhe comunicada antes que alcance uma idade mais madura. É ainda muito criança e pouco constante, mais interessado pela novidade do que pela verdade. Mas espero que se emendará desses vícios com o passar dos anos, direi mais: pelo que posso julgar de seu engenho, estou certo de que isso acontecerá. Por isso sua índole leva-me a amá-lo (Carta 9; GIV, p. 42).

Resposta no mínimo curiosa: em primeiro lugar, a demonstração de desconfiança, um pedido de sigilo aos amigos, críticas de caráter, denúncia da inconstância de alguém que mais se interessa pela novidade do que pela verdade; em segundo lugar, a esperança – e esperança certa – de emenda do aluno que, no fim das contas, conduz o professor a amá-lo. A figura deste universitário nos aparece, pois, como um elemento singular na correspondência entre os amigos.

Caseário provavelmente nasceu em Amsterdã no ano de 1642, dez anos depois de Espinosa. Seus pais morreram jovens. Seja por obra deles ou dos tutores, o garoto conseguiu concluir os estudos elementares, de tal forma que no dia 21 de maio de 1661 ele estava matriculado na universidade de Leiden, cursando Teologia. No começo do ano de 1665, tempos depois, ele apareceu matriculado na universidade de Utrecht. Todos os indícios levam a crer que Caseário foi realmente

11 Em regime formal, a educação universitária seguia então os contornos da educação pública descrita por Luzuriaga (1959, p. 1-2), a *educação pública religiosa*, nascida no século XVI, mantida pela Igreja e desenvolvida até o século XVIII.

12 William Rabenort (1911) discutiu profundamente este ponto.

um aluno que apresentou dificuldades de comportamento. Meinsma chega a supor que essas dificuldades tinham por base não uma insuficiência de intelecto, mas a falta de gosto pela leitura. O discípulo terminou como pastor luterano, atuou na Costa do Malabar e se tornou célebre por uma obra sobre botânica, intitulada *Hortus malabaricus*, em treze volumes, dos quais participou ativamente. Chegou a ser homenageado pelos botânicos, tendo seu nome dado a uma planta, *Casearia* (MEINSMA, 1983, p. 172-176).

Aos vinte anos de idade ele suscitou inveja em Simon; em Espinosa, incitou aversão e, ao mesmo tempo, amor. É bem verdade que a inveja de Simon não foi propriamente inveja, mas a mera e triste contemplação da própria impotência. A Caseário, Simon dedicou mais admiração do que inveja, afinal de contas, não pareceu ser capaz de desejar o mal do menino, nem demonstrou ser vil a ponto de se alegrar com a inconstância dele. O fato puro e simples é que Caseário se alimentava e passeava com Espinosa, compartilhava uma intimidade que ele mesmo, Simon, estando à distância, não podia reviver. E a contemplação disso, no corpo e na mente de Simon, provocava inevitavelmente uma tristeza.

Fixemos agora a atenção sobre o depoimento de Espinosa a respeito do discípulo. De início, parece impossível ser pior. Ninguém é mais odioso do que Caseário; não há quem, do círculo de Espinosa, mereça mais precaução e desconfiança do que ele. Tanto é assim que Espinosa adverte com veemência: “nenhuma das minhas opiniões deve ser-lhe comunicada antes que alcance uma idade mais madura”. Esta cautela com a comunicação de suas ideias, um dos marcos fundamentais do lema “Caute!”, foi também objeto da conclusão do *Breve Tratado*:

Para concluir, resta-me apenas dizer algo aos amigos para quem escrevo: não vos assusteis com essas novidades, pois bem sabeis que uma coisa não deixa de ser verdadeira só porque muitos não a admitem. E como não desconheceis a disposição do século em que vivemos, rogo-vos encarecidamente que sejais muito cuidadosos na comunicação dessas coisas a outros. Não quero dizer que devais

guardá-las inteiramente para vós, mas somente que, se começardes a comunicá-las a alguém, não tenhais outro propósito nem outros móveis que a salvação de vosso próximo, assegurando-vos junto a ele que vosso trabalho não seja em vão (BT, Conclusão; GI, p. 112).

Caseário estava entre os conhecidos aos quais se vetava comunicar as opiniões próprias de Espinosa. Ainda que não passe de especulação, podemos conjecturar que o mal da intolerância típica da “disposição do século” (que exigia cuidado na divulgação das ideias revolucionárias), abatia o jovem aluno. O comedimento de Espinosa na conclusão do *Breve Tratado*, ao recomendar cuidado aos amigos, evidencia que ele estava consciente do perigo da possível presença de suas ideias em mentes preconceituosas, ávidas por aclamá-lo publicamente como incréu. Inversamente, em gesto de extrema audácia, Espinosa não exigiu sigilo sobre sua filosofia, apenas cautela quanto ao propósito para o qual a empregariam. “Se começardes a comunicá-las a alguém não tenhais outro propósito nem outros móveis que a salvação de vosso próximo”. Caseário não era alguém cuja salvação poderia ser conquistada (ainda) com a filosofia de Espinosa¹³. Entretanto, diferentemente do interlocutor presumido no *Breve Tratado*, ou seja, um indivíduo avesso à novidade porque ela ainda não está bem estabelecida como verdade entre todos, o jovem Caseário desejava imoderadamente a novidade (surgida da nova ciência), mas não parecia preocupado em entender a verdade, produto da filosofia espinosana e da crítica de Espinosa a Descartes.

Quais vieram a ser, enfim, as razões para Caseário ser tomado como odioso e pouco confiável? Seria, por acaso, em virtude de sua índole desde cedo tendente a um protestantismo intolerante? Seria igualmente sua formação universitária demasiadamente controlada pelo Estado e pela Religião? A índole do garoto leva o mestre a amá-lo; seu perfil de formação segue o mesmo padrão de qualquer Academia

13 Recordemos que, para Espinosa, a salvação não implica nenhum sentido religioso: “[...] entendemos claramente em que coisa consiste nossa salvação ou felicidade ou Liberdade: no Amor constante e eterno a Deus, ou seja, no Amor de Deus aos homens” (EVP37S; GII, 303).

do século XVI e XVII. A verdadeira causa de sua baixa confiabilidade é sua pouca idade.

Caseário era um menino (*puer*). Por isso, ele abrigava os males que afligem a todas as crianças: a oscilação permanente, a inconstância típica e o gosto pelo novo acrescido do desdém pelo verdadeiro. Espinosa, na *Ética*, declarou que a criança, por ter um corpo como que em permanente equilíbrio, é frequentemente levada a imitar os afetos que lhe surgem no mundo exterior: ela chora ao ver outros chorando, ou sorri ao ver outros sorrindo (EIIIP32S; GII, p. 165). Se Caseário não era um bebê, ele ao menos agia como um. O testemunho de seu mau comportamento e inquietude para a leitura reforça tal conclusão. As crianças – escreve Espinosa – têm um corpo muito pouco apto à multiplicidade dos encontros com o mundo e não têm quase nenhum conhecimento sobre si mesmas e sobre as coisas exteriores. Mas com o tempo vão tendo o corpo passivo transformado em outro corpo, apto a muitas coisas (EVP39S; GII, p. 305). O tema da passagem da impotência para a potência, ou como preferiu Deleuze (1968, p. 267), o problema do devir-ativo, é a chave para entendermos por qual motivo a aversão inicial de Espinosa a Caseário se converteu em sentimento de amor.

A causa que desagradava Espinosa quando ele se referiu a Caseário é a mesma que o levou ao rompimento com outro discípulo, Albert Burgh, um vigoroso e inteligente aluno que se tornou, tragicamente, seguidor fanático do catolicismo. Cansado de divergir desde os princípios com o jovem, Espinosa desistiu de continuar a discussão, dizendo que Burgh necessitava mais de *tempo* do que de *razão* para alcançar o juízo (Carta 76; GIV, p. 317). Como afirmamos, Caseário também não podia ser informado da filosofia de Espinosa até que chegasse a uma idade mais avançada. O mesmo trato de cautela que Espinosa solicitou aos amigos na conclusão do *Breve Tratado*, ele dispensou a Caseário.

Ao encerrar o depoimento e passar ao assunto que realmente ocupa a correspondência entre eles, Espinosa revelou a “esperança certa” de quem, diante de uma personalidade inconstante, não duvida de sua emenda ou

correção; e trabalha, por conseguinte, para que esta personalidade se transforme em outra, mais potente e menos oscilante. A garantia de Espinosa, suficiente para tornar menos instável sua esperança na emenda, é o engenho (*ingenium*¹⁴) do aluno cuja índole levava-o irresistivelmente ao afeto de amor.

Como mentor espiritual do círculo de Amsterdã ou como preceptor de Caseário, Espinosa aparece aqui como formador. Este perfil de formador ou educador é ainda acentuado pelas evidências do final da Carta 8, quando Simon relatou que começara a acompanhar o curso de anatomia e que, ao concluí-lo, seguiria para o curso de química e depois para o de medicina, seguindo os *conselhos* do amigo (Carta 8; GIV, p. 41). Espinosa poderia ser estimado aqui como um legítimo *pedagogo*, concebendo o termo em sentido mais original, como orientador ou conselheiro de estudos.

O próprio trabalho do *collegium*, evidente pelas cartas, mostra que a composição da *Ética* também foi perpassada pela atividade epistolar na forma de ensinamento (FERREIRA, 2012, p. 16-20). A partir das dificuldades de leitura apontadas pelos amigos – e explicitadas na correspondência – Espinosa alterava a redação de certas passagens do livro, acrescentava advertências, mudava a ordem dos itens do texto, mantinha, enfim, a obra em aberto.

14 Difícil captar em um só lance toda a polissemia da noção de *ingenium* aqui traduzido como engenho. O *ingenium*, no sentido percebido no depoimento de Espinosa sobre Caseário, parece indicar certa *personalidade singular*, resultado das impressões que marcaram seu corpo e sua mente ao longo do tempo, tornando-o singular ou especial. Andrea Pac estudou a fundo a noção de *ingenium* em Espinosa. Segundo ela, esta passagem da Carta 9 contém o sentido de engenho que se estabelecerá nas obras maduras do filósofo. “En efecto, la primera parte de su descripción del joven reconoce sus afectos dominantes, que por el momento lo distraen de la verdad. Sin embargo, Spinoza afirma que conoce su ingenio, no como si dijera que conoce su talento o su inteligencia (porque de hecho no la manifiesta), sino como si dijera que conoce su ‘pasta’ (si se permite la expresión coloquial). Y esto es más que su condición puramente intelectual. Spinoza se ve inclinado a amarlo por este motivo, por el conocimiento de sus posibilidades de morigerar sus pasiones y aumentar su potencia de pensar. Y éste es un detalle también interesante en el uso que aquí tiene *ingenium*: por el conocimiento del ingenio del joven, el filósofo no admira su capacidad, sino que ama su persona” (PAC, 2013, p. 84).

Um exemplo disso é a questão da diferença entre a substância e o atributo discutida entre Simon e Espinosa, dois temas referentes ao começo da parte I da *Ética*. A questão colocada por Simon dizia respeito ao conteúdo que, naquela redação da *Ética* (debatida em 1663), correspondia ao terceiro escólio da proposição 8. Na versão final da obra hoje conhecida, refere-se ao escólio da proposição 10. Nele Espinosa afirmou que conquanto os atributos sejam realmente distintos (cada um deles constituído sem o recurso ao outro), nem por isso eles formam substâncias distintas, já que pertence à natureza da substância ter atributos infinitos, atributos que nela existem simultaneamente, diferentes e concebidos por si mesmos.

Simon e o grupo pedem a demonstração deste raciocínio, sugerindo que a definição de Deus como ser absolutamente infinito não permitiria por si só essa conclusão. Parece-lhes muito mais razoável pensar que a substância possui um atributo e que, quando pensam em dois atributos, logicamente devem deduzir a existência de duas substâncias diferentes¹⁵. Eles apontam ao filósofo certa obscuridade, afinal, solicitam “uma explicação mais clara” (*clariorem explicationem*) sobre o assunto.

A resposta de Espinosa é bastante direta: os amigos do *collegium* não atentaram para as duas demonstrações oferecidas nessa primeira versão da *Ética*: a primeira (“evidentíssima”) é a de que todo ser é concebido sob algum atributo e, quanto mais realidade um ser possuir, tanto mais atributos deverão ser atribuídos a ele; a segunda (a “melhor” das duas demonstrações) explica a mesma coisa, afirmando que quanto mais atributos uma coisa tem, tanto mais se deve reconhecer que existe e, assim, tanto mais ela deve se conceber verdadeiramente¹⁶.

Esta afirmação cuja demonstração Espinosa já havia dado em outras ocasiões¹⁷ reaparece bem explicada no escólio da proposição 10 da *Ética* I, destacando a clareza

do que está sendo dito¹⁸. É possível cogitar que o tropeço do *collegium* levou o autor à revisão deste pedaço da obra, esforçando-se por uma maior transparência de seu texto.

A correspondência entre Espinosa e o amigo é prova manifesta de que a última versão da *Ética* se produziu em meio a uma interação com o *collegium* e, em última instância, com amigos e discípulos. O dado que torna excepcional o momento deste intercâmbio epistolar é ambos estarem discutindo ali as primeiras definições e demonstrações da obra central do filósofo, justamente na fábrica do *espinosismo*.

UMA ESTREITA UNIÃO

A amizade aparece na obra de Espinosa em geral e na *Ética* em particular como uma virtude do ser humano livre, o único capaz de cultivá-la¹⁹. Todavia, qualquer ser humano, seja livre ou servo, está sempre mais ou menos exposto a ver nascer a discórdia de alguma amizade. A proposição 35 da parte III da *Ética* enuncia com objetividade ímpar:

Se alguém imaginar que a coisa amada se une a outro por um vínculo de Amizade igual ou mais estreito do que aquele com que ele próprio a possuía sozinho, será afetado de Ódio pela coisa amada e invejará aquele outro (GII, p. 166).

Embora Simon tenha se referido a Caseário expressando sentimento de inveja, seu amor por Espinosa não se converteu, conforme explicamos, em ódio. Ao contrário, a substância da amizade que os unia muito se assemelhava ao amor que votamos a Deus quando seguimos guiados pelo terceiro gênero de conhecimento. Conforme enuncia a proposição 20 da parte V:

O Amor a Deus não pode ser manchado nem pelo afeto de Inveja, nem pelo de Ciúme, mas é tanto mais fomentado quanto mais imaginamos mais homens unidos a Deus pelo mesmo vínculo de Amor (GII, p. 292).

Ao ver Espinosa unindo-se a Caseário e a muitos outros jovens universitários que

15 Há de se reconhecer que é um modo de conceber muito próximo do cartesianismo.

16 Sobre a resposta de Espinosa, ver o estudo de Trompeter (1981).

17 Ver *Breve Tratado* I, 2; *Pensamentos Metafísicos* I, 1 e 3; EIP08S e EIP09.

18 Espinosa repete duas vezes no escólio de EIP10 a ideia de clareza: “*nihil in naturâ clarius...*” (nada é mais claro na natureza...) e em seguida: “*nihil etiam clarius...*” (nada também é mais claro...) (EIP10S; GII, 52).

19 A articulação da amizade como virtude do homem livre aparece em várias ocasiões na *Ética*. Por EIIIP35; EIIIP59S; EIVP37S1; EIVP70D; EIVP71D, entre outras.

o procuravam, Simon se limitava a admirar o amigo, sem esconder a dose de tristeza inevitável causada pela separação física.

Espinosa, ao mostrar a Simon que estar na posição de Caseário não valia a pena, direcionava a atenção dos presumivelmente enciumados amigos de Amsterdã à necessidade de serem cautelosos com ele, não de o invejarem. O amor declarado a Caseário no encerramento do depoimento não poderia também reacender no grupo ou em Simon a inveja e o ciúme, comuns a quem vê um amigo afrouxando seus laços de amizade em favor de outras e novas amizades. E isso por uma clara razão: ao colocar Caseário na circunstância de “vir a ser” e ao elevar os amigos do *collegium* à posição de responsáveis éticos pela doutrina que estão estudando, Espinosa também se abre ao grupo, debatendo linha por linha o que há de “mais importante para se conversar”²⁰: os primeiros passos da Ética, o grande livro que guarda, agora sim, as suas próprias opiniões. Estes são os passos que Caseário não pode palmilhar, pois se mantém unido a Espinosa por um vínculo de amizade ainda pouco estreito.

Simon e Espinosa, produzindo o *collegium* em sua dinâmica mais profunda, estão corporalmente ausentes, mas seguem unidos pelo desejo comum, de mútua erudição²¹, a fim de aprender o que há de mais firme e constante no conhecimento e na natureza, isto é, as definições verdadeiras e suas condições, as noções de substância, atributo e modo, bem como todas as primeiras deduções da *verdadeira filosofia*. Tal é, afinal, o conteúdo das cartas 8, 9 e 10 que desde sempre dominou a atenção dos comentadores da ontologia e da epistemologia espinosanas.

20 Relembramos o detalhe da Carta 8: Simon dizia invejar Caseário, porque ele podia “conversar sobre as coisas mais importantes” aos passeios e às refeições com Espinosa (GIV, p. 39).

21 A noção de *mútua erudição* como decorrência da atividade epistolar aparece em uma das cartas de Espinosa a Blijenbergh. Após longo debate sem consenso final, o filósofo escreve: “Não creio, portanto, que nossa troca epistolar possa servir para nos erudirmos mutuamente (*in vicem erudire*)” (Carta 21; GIV, p. 126). Se com Blijenbergh esta mútua erudição era impossível, com Simon não era.

No ser humano, o desejo de estreitar cada vez mais os laços de amizade evidencia a busca por uma união mais coesa entre ideias e corpos; uma união que pode até se estender, dada a beleza, para depois da morte. A perseverança da amizade entre Bento e Simon não se deu como continuidade supersticiosa e romântica no além-mundo, mas se encarnou na terra, no ato do enterro, provavelmente personificado por algum primo De Vries, mandando das cercanias de Schiedam, o dinheiro para saldar as contas deixadas pelo filósofo recém-falecido. Nada mais imanente: a conservação de uma amizade até quando os próprios amigos já não podem conservar mais nada.

Em sua primeira resposta a Henry Oldenburg, o secretário da Real Sociedade de Londres, Espinosa afirmou que fazia muito gosto do início daquele diálogo, afinal, “todas as coisas entre os amigos, principalmente as espirituais, devem ser comuns” (Carta 2; GIV, p. 7)²². Entre os amigos todas as coisas são comuns porque entre eles há uma união (mais ou menos estreita) entre dois corpos-mentes; tal união só é possível graças às relações de comunidade e coerência entre as partes e o todo da natureza que produzem totalidade. A união entre Simon e Espinosa é desses momentos nos quais corpos e mentes se unem e criam um estreitamento mais firme, uma articulação mais refinada e mais comum.

Em sua primeira resposta a Willen van Blijenbergh, um agente holandês de grãos e filósofo nas horas vagas, Espinosa formulou um raciocínio que muito se disseminou:

De todas as coisas que estão fora de meu poder, não há nenhuma que mereça mais consideração do que ter a honra de poder estabelecer laços de amizade com pessoas que amam sinceramente a verdade. Pois creio que nada de quanto há no mundo que esteja fora de nosso poder podemos amar com mais tranquilidade do que a tais homens. Com efeito, é tão impossível dissolver este amor, que reciprocamente

22 Recorrentemente a fonte desta sentença (um provérbio de origem pitagórica) é atribuída a Terêncio, poeta e dramaturgo romano, na comédia *Adelphi* (verso 803): “*amicorum omnia (...) debere esse communia*”. Entretanto, ela aparece antes na tragédia *Orestes* (verso 735) do grego Eurípedes. Sobre este ponto, ver Araújo (2008, p. 33).

têm, por estar fundado no amor que cada um deles tem pelo conhecimento da verdade, quanto não abraçar a verdade, uma vez que esta é percebida. Além disso, como nenhuma coisa é capaz de unir inteiramente distintos sentidos e espíritos, ela é a mais elevada e a mais agradável que pode dar-se às coisas que estão fora de nosso poder (Carta 19; GIV, p. 86-87).

que não perece; são amigos que conversam tranquilamente sobre o melhor caminho para a invenção da filosofia verdadeira.



No apêndice da parte IV da *Ética* (Capítulo 17), ao abordar o cuidado dos pobres como tarefa que cabe à sociedade inteira (ou seja, à coerência una e a todas as suas partes), Espinosa escreve: “a capacidade de um só homem é por demais limitada para poder unir todos a si por amizade” (GII, p. 271). Não obstante, como bem sabemos, um indivíduo pode se unir pelo menos a um ou a alguns amigos por estreito vínculo, um vínculo que pode não se dissolver facilmente. Esta amizade emerge do amor a seres humanos que amam a verdade e que obtêm nesta união a tranquilidade e a segurança. Simon e Espinosa também se amaram, amando reciprocamente a verdade, isto é, a busca do conhecimento de Deus – a maior virtude da mente (EIVP28) – comum a todos e a que todos podem alçar com igualdade: o *bem comum* que jamais perece²³.

Na despedida de sua carta, Simon faz um elogio ao escólio da proposição 19 daquela primeira versão da *Ética*, dizendo que gostou muito do que leu. Seja qual for o conteúdo deste escólio atualmente impossível de localizar, a investigação do sistema de Espinosa, em plena produtividade e criação, deve ter proporcionado extrema alegria a Simon e a todos os amigos do *collegium*. O amigo De Vries, por ter falecido dez anos antes de Espinosa, em 1667, não acompanhou o desenrolar dos acontecimentos: a publicação do *Tratado Teológico-político*, a finalização da *Ética* e todos os contratempos políticos que atravessaram a Holanda e toda a Europa. No entanto, travou com ele uma amizade desde os princípios. É notável, ressaltamos, que a memória da união entre Simon e Espinosa seja precisamente um debate sobre aquilo

23 “O sumo bem daqueles que seguem a virtude é comum a todos, e todos podem igualmente gozar dele” (EIVP36; GII, p. 234).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Orlando Luiz. Encenando a amizade: Píldes e Orestes na tragédia. **Letras Clássicas**, n. 12, 2008, p. 25-35.

BUYSE, Filip. Spinoza, Boyle, Galileo: was Spinoza a strict mechanical philosopher? **Intellectual History Review**, n. 22, mar. 2013, p. 45-46.

CHAUÍ, Marilena. **A nervura do real** (Volume 1). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CHAUÍ, Marilena. Sobre a correspondência de Espinosa com Tschirnhaus. **Discurso**. São Paulo, n. 31, p. 45-88, 2000.

COLERUS, Jean. Biografia de Spinoza. In: DOMÍNGUEZ, Atilano (comp.) **Biografías de Spinoza**. Tradução: Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Spinoza et le problème de l'expression**. Paris: Minuit, 1968.

DIAZ, Salomon Vaz. **Spinoza and Simon Joosten de Vries**. Tradução: Sytha Bijvoet-Hart. Delft: Eburon, 1989.

DOMÍNGUEZ, Atilano. A correspondência entre Espinosa e Oldenburg. **Discurso**. São Paulo, n. 31, p. 285-322, 2000.

ESPINOSA, Bento. **Os Pensadores**. Tradução: Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

ESPINOSA, Bento. **Ética**. Tradução: Grupo de Estudos Espinosanos (GEE/USP). São Paulo: Edusp, 2015.

FERREIRA, Maria Luisa Ribeiro. Spinoza como professor. In: **Spinoza** – octavo colóquio. Córdoba: Brujas, 2012, p. 16-20.

GEBHARDT, Carl. **Spinoza**. Tradução: Oscar Cohan. Buenos Aires: Losada, 1940.

LUZURIAGA, Lorenzo. **História da educação pública**. Tradução: L. Damasco Penna e J. B. Damasco Penna. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

MEINSMA, Koenraad Oege. **Spinoza et son cercle**. Tradução: S. Roosenburg. Paris: Vrin, 1983.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia. **O lugar da educação na filosofia de Espinosa**.

Dissertação de Mestrado. Campinas-SP, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2008a.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia. Por que Espinosa recusou o convite para ser professor em Heidelberg? **Trilhas Filosóficas**. Caicó-RN, n. 1, p. 101-112, jan./jun., 2008b.

OLIVEIRA, Fernando Bonadia. Espinosa e a liberdade de ensinar. **Pro-posições**. Campinas-SP, n. 61, p. 197-212, jan./abr. 2010.

PAC, Andrea. **Ingenium en la filosofía de Spinoza**: una perspectiva realista para pensar la multiplicidad en la sociedad política. Universidad Nacional de Córdoba, 2013.

RABENORT, William. **Spinoza as educator**. New York: Columbia University, 1911.

SPINOZA, Benedictus. **Opera**. Im Augrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg, C. Winter, 1925; 2: Auflage 1972, 4 vols.

SPINOZA, Baruch. **Correspondencia**. Tradução: Atilano Domínguez. Madrid: Alianza, 1988.

SPINOZA, Benedictus. **Breve Tratado**. Tradução: Luis César Oliva & Emanuel Fragoso. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

TROMPETTER, Linda. Spinoza: a response to De Vries. **Canadian Journal of Philosophy**, volume 11, n. 3, sep. 1981, p. 525-538.

